

O "PETARDO" QUE NÃO EXPLODIU

Falsa bomba gera pânico no Senado

O "explosivo", que não passava de um artefato de plástico, foi colocado na tribuna. "Comando Delta" assume

Por volta das 16:45 horas de ontem os senadores Itamar Franco (PMDB-MG) e Gilvan Rocha (PP-SE), que estavam dirigindo ontem a sessão do Senado, receberam um recado de um funcionário da Mesa, comunicando que acabara de receber um telefonema, em que uma voz de homem avisava que o "Comando Delta" colocara uma bomba na tribuna de honra do plenário e que ela iria explodir dentro de 10 minutos. Os dois senadores olharam para a tribuna de honra, na tentativa de localizar a bomba, enquanto combinavam uma maneira de suspender a sessão e evacuar o plenário. No momento em que viram o objeto, perceberam que o senador Dirceu Cardoso (sem partido) já estava evacuando o pessoal da tribuna de honra.

A sessão então foi suspensa e todos que estavam nas dependências do plenário foram convidados a deixar o recinto. Uma multidão de senadores, deputados, jornalistas, funcionários e visitantes permaneceu em volta do plenário, enquanto, em clima mais de descontração que tensão o senador Dirceu Cardoso contava o telefonema que recebeu do "Comando Delta".

- Mais ou menos 16:45 horas recebi o telefonema. Um sujeito disse: Aqui é o doutor Assis, do Comando Delta. Coloquei uma bomba numa poltrona da galeria de honra. Eu disse para ele: "deixa de trote. O sujeito respondeu que "se alguém encostar na poltrona só o calor faz explodir a bomba. Disse para ele que "isso é trote" e ele respondeu: "o senhor não acredita, então vá ver". Dirceu Cardoso desligou o telefone, verificou nas poltronas e viu o objeto. Imediatamente, sem consulta aos senadores, evacuou a galeria. Quando ele terminou de contar essa história disse bem humorado aos jornalistas. "Ainda quis chamar o pessoal do PDS para a galeria de honra", e;

às gargalhadas, brincou: "Só lamentei que não fosse na bancada dos jornalistas".

Enquanto a multidão excitada comentava o episódio, dentro do plenário estavam os presidente de Senado, Jarbas Passarinho, e da Câmara, Nelson Marchezan, e muitos senadores e agentes de segurança das duas Casas do Congresso somente aos quais era permitida a entrada. O senador Passarinho estava avisado, pois os funcionários de seu gabinete receberam três telefonemas no espaço de 40 minutos, antes do alarme no plenário. Nesses telefonemas a voz dizia: "É do Comando Delta. Vai explodir uma bomba no plenário. Não é brincadeira".

Às 17:45 horas a campanha do plenário tocou, enquanto saía pela porta em direção ao elevador um delegado da Polícia Federal, cujo nome os repórteres não conseguiram saber. Ele cobria o rosto com as mãos e entrou correndo no elevador, indo atrás uma multidão de fotógrafos e jornalistas. Da saída principal do Congresso ele partiu em um Fiat preto com placa oficial de final 08-16, à grande velocidade. Em questão de minutos a sessão do Senado foi reiniciada com os esclarecimentos do senador Passarinho sobre o episódio.

Ele comunicou que a segurança do Senado tem um suspeito e que estava diligenciando para localizá-lo. Trata-se, segundo o assessor parlamentar da Comissão de Financiamento e Produção, Jorge Santos, de um rapaz alto, magro, "crioulo", vestindo terno cinza escuro e um jaquetão, crachá de identificação colado no bolso.

Jorge Santos contou aos jornalistas que suspeitou do "crioulo" porque ontem foi a primeira vez que o viu na tribuna de honra do plenário e também pela maneira de ele conversar. Contou que ele perguntou

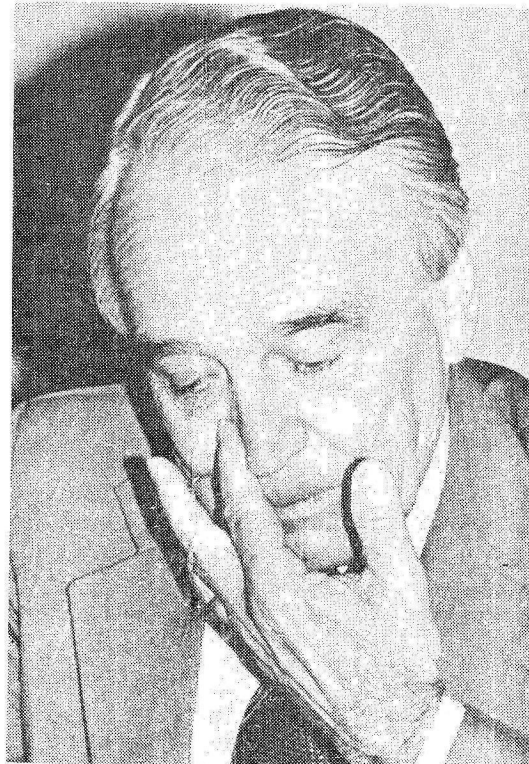
como deveria fazer para falar com o senador Alberto Silva (PP-PB) que estava discursando naquele momento e como poderia chegar na galeria destinada ao público. Ele saiu da tribuna de honra e dez minutos depois o senador Dirceu Cardoso evacuou o local.

No momento em que terminou de contar essa história, Jorge Santos foi levado pelo chefe da Segurança do Senado, Eurico Jacy, puxando-o pelo braço, para a sede do serviço de segurança, reclamando que ele estava falando demais. Mais tarde o segurança Cláudio Salles contou que Jorge Santos percorreu todas as portas de acesso do Congresso para verificar as fotografias dos visitantes, mas não identificou o seu suspeito.

SEGURANÇA

O controle de acesso de visitantes ao Congresso Nacional é bastante flexível. As ordens são no sentido de ser em todas as portarias recolhido um documento de identidade do visitantes e fornecer a ele um crachá, que deve ser colocado à altura do peito. Na saída do prédio, o visitante devolve o crachá e recebe seu documento. Isso, no entanto, não ocorre com muitos visitantes.

Seis agentes de segurança trabalham no plenário do Senado, onde têm acesso os 67 Senadores, os 420 Deputados, os funcionários da Mesa e da Taquigrafia. Na tribuna dos jornalistas entram outras pessoas, quando conseguem escapar do agente de segurança que fica na porta. Tribuna de honra, entram os assessores parlamentares, convidados dos senadores, prefeitos, vereadores, "lobbies" de empresas públicas e privadas e qualquer pessoa que esteja com o crachá de identificação. Segundo o agente Cláudio Salles, mais ou menos 60 pessoas estiveram ontem nessa tribuna.



Para Cantídio, tudo foi brincadeira



No Comitê, Elizabet também ouviu a ameaça



Teotônio achou grave o episódio



Dirceu Cardoso relata a "explosão" aos jornalistas